
MUDAR PARA PERMANECER: o Movimento Brasil Livre (MBL) e a aposta na *guerra cultural*¹

CHANGE TO STAY: the Movimento Brasil Livre (MBL) and the bet on *cultural war*

Amanda Medeiros ²

Resumo: Nos últimos anos, atores sociais de direita ganharam especial projeção no Brasil. Das Jornadas de Junho até aqui, muitos deles perderam notoriedade ou se desfizeram por razões variadas. O Movimento Brasil Livre (MBL), contudo, revisou formas de atuação, ampliou pautas e número de seguidores, viabilizando posição relevante em meio aos embates políticos que se desenrolam no país. Assim sendo, objetivo aqui discutir como a aposta nas guerras culturais garantiu mudança e permanência a esse ator coletivo neoconservador, que maneja crenças e mobiliza emoções para alcançar engajamento político. Análise, para tanto, textos que circularam na imprensa entre os anos de 2017 e 2019, além de dados qualitativos e quantitativos coletados no Facebook do MBL entre novembro de 2016 e novembro de 2017, concluindo como a entrada no campo da moral foi essencial à continuidade do grupo direitista.

Palavras-Chave: MBL. Guerras culturais. Neoconservadorismo. Crenças. Emoções.

Abstract: In recent years, right-wing social actors have gained special prominence in Brazil. From the Jornadas de Junho until now, many of them have lost notoriety or disbanded for various reasons. The Movimento Brasil Livre (MBL), however, reviewed ways of acting, expanded guidelines and number of followers, enabling a relevant position amid the political clashes that are taking place in the country. Therefore, the objective here is to discuss how the bet on cultural wars guaranteed change and permanence to this neoconservative social actor, who manages beliefs and mobilizes emotions to achieve political engagement. Therefore, I analyze texts that circulated in the press between the years 2017 and 2019, as well as qualitative and quantitative data collected on MBL Facebook between November 2016 and November 2017, concluding how the entry into the field of morals was essential to the continuity of the right-wing group.

Keywords: MBL. Cultural wars. Neoconservatism. Beliefs. Emotions.

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Comunicação e Sociedade Civil da 9ª Edição do Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política (9ª COMPOLÍTICA), realizado em formato remoto, de 24 a 28 de maio de 2021.

² Doutora em Comunicação e Cultural pela ECO/UFRJ. Email: amanda.cnth@gmail.com.

1. Introdução

Não são poucos os textos que circulam na internet com a pretensão de, em certa medida, explicar o que é o Movimento Brasil Livre (MBL): “‘startup’ que surgiu para fazer protestos”³; “não é uma banda de indie-rock, é a vanguarda anti-Dilma”⁴; “engodo partidário”⁵; “franquia americana”⁶; “fenômeno”⁷; “o grupo da mão invisível”⁸; “de liberais anticorrupção a guardiães da moral”⁹; “partido político”¹⁰; “célula terrorista de extrema direita”¹¹; “movimento político”¹². Seja em veículos da grande imprensa, em meios alternativos, ou em páginas pessoais com claro posicionamento político-ideológico, é notável a diversidade de narrativas que giram em torno de uma definição possível para esse corpo coletivo que ganhou força embalado pela justa e oportuna combinação de antipetismo¹³ e neoconservadorismo.

A imprecisão percebida está diretamente relacionada ao fato de o MBL fazer parte de um conjunto de movimentos sociais que eclodiram ao redor do mundo, em uma ascendente onda de direita, compartilhando uma retórica comum (GALLEGO, 2018) e apresentando padrões organizativos diversos. Tais características os afastam da possibilidade de serem encaixados em abordagens conceituais rígidas – *clássicos*,

³ Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2014/12/12/politica/1418403638_389650.html. Acesso em: 01 jul. 2019.

⁴ Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2014/12/12/politica/1418403638_389650.html. Acesso em: 01 jul. 2019.

⁵ Disponível em: <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/Movimento-Brasil-Livre-MBL-um-engodo-partidario/4/36209>. Acesso em: 01 jul. 2019.

⁶ Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/558321-movimento-brasil-livre-mbl-e-junho-de-2013-uma-franquia-americana-que-depois-do-impeachment-esta-presente-no-movimento-escola-sem-partidoq-entrevista-especial-com-marina-amaral>. Acesso em: 01 jul. 2019.

⁷ Disponível em: <http://politicodobrazil.com/?p=1346>. Acesso em: 01 jul. 2019.

⁸ Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/o-grupo-da-mao-invisivel/>. Acesso em: 01 jul. 2019.

⁹ Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/26/politica/1506459691_598049.html. Acesso em: 01 jul. 2019.

¹⁰ Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/politica/republica/o-mbl-e-um-partido-politico-admite-kim-katagui-07rbcpdkjkemdy6pklw83416z/>. Acesso em: 01 jul. 2019.

¹¹ Disponível em: <https://www.brasil247.com/blog/o-mbl-e-uma-celula-terrorista-de-extrema-direita>. Acesso em: 01 jul. 2019.

¹² Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/politica/republica/o-que-e-o-mbl-movimento-politico-que-acusa-o-facebook-de-censura-7ez4y6bfdnhjt468l1d2fgob/>. Acesso em: 01 jul. 2019.

¹³ Levando em conta que ao PT era atribuída a responsabilidade pela corrupção que assolava o país, bem como a representação maior da esquerda política.

velhos, novos, novíssimos – (MELUCCI, 2001) e, ao mesmo tempo, demandam um tratamento analítico que atente para a prática social desses coletivos típicos do contemporâneo. Assim sendo, um caminho possível para examinar o objeto aqui estudado é observar as estratégias de atuação que o guiaram em fases distintas do seu (ainda em curso) projeto de poder. Dentre as manobras executadas pelo MBL, destaca-se a opção tática pela *guerra cultural*; escolha que garantiu ao Movimento mudança e permanência.

Sendo assim, partindo de uma pesquisa maior (MEDEIROS, 2020), objetivo discutir como manobras retóricas atravessadas pela noção de *guerra cultural* – acessada oportunamente pelo MBL em sua cruzada antiesquerda – se configuraram em uma espécie de chave de permanência política para o Movimento, o qual, a todo tempo, se utiliza dos espaços interativos da internet para manejar crenças e mobilizar emoções com a intenção de conseguir engajamento político.

Com essa finalidade, recorri à ferramenta de busca do Google pesquisando textos que abordassem, em paralelo, a trajetória do MBL e a situação da guerra cultural em curso no contexto brasileiro; feito isso, me ative àqueles que circularam na imprensa brasileira entre os anos de 2017 e 2019 e que ofereciam pistas sobre a mudança de estratégia do Movimento.

Tais textos foram posteriormente confrontados com informações que foram coletadas no Facebook do MBL entre novembro de 2016 e novembro de 2017 e exploradas em termos qualitativos e quantitativos na pesquisa maior da qual este trabalho faz parte. Vale esclarecer que o início do período de coleta no Facebook coincide com o encerramento do processo de *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff – no qual o grupo esteve ampla e diretamente envolvido –, e com uma reconfiguração das estratégias do Movimento mediante a inserção de novas pautas (essencialmente de cunho moral). O fim, por sua vez, foi delimitado pelo redirecionamento efetivo das atenções do grupo para as disputas eleitorais de 2018.

Ao final deste texto, exponho resultados gerais de uma ampla *análise retórica* (MATEUS, 2018) feita em torno da macro narrativa *a esquerda é doutrinadora* (MEDEIROS, 2020), mostrando como essa e outras narrativas similares servem à

guerra cultural travada pelo MBL e, logo, à disseminação de ideias neoconservadoras e à aproximação de potenciais apoiadores.

2. Das pautas técnicas às *guerras culturais*

De acordo com o *Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*¹⁴, *estratégia* significa a “arte de planejar e coordenar as operações das forças militares, políticas, econômicas e morais envolvidas na condução de uma guerra ou na preparação da defesa de um Estado”; já *tática* diz respeito à “arte de empregar as tropas no campo de batalha com ordem, rapidez e recíproca proteção, segundo as condições de suas armas e do terreno”. Tais definições se inserem numa linguagem típica de guerrilha, e são as primeiras a aparecerem na busca das respectivas palavras no dicionário citado. Os termos, se levemente deslocados da acepção de origem, servem para pensar o MBL e as mudanças de atitude necessárias à sua permanência, como veremos a seguir.

Em outubro de 2017 e julho de 2019, os veículos *Le Monde Diplomatique Brasil* e *El País* publicaram, respectivamente, os textos “O conservadorismo moral como reinvenção da marca MBL”¹⁵ e “MBL usa aborto para reposicionar marca”¹⁶. Além de ambos se referirem ao Movimento como *marca*, os conteúdos publicados têm em comum o fato de abordarem aspectos da dinâmica de reconfiguração do objeto. Servem, portanto, à defesa do argumento de que, para se manter protagonista em meio à intensa perturbação política experienciada pelo Brasil nos últimos anos, o MBL precisou se reinventar. O grupo foi, então, das pautas técnicas às pautas morais, criando e, ao mesmo tempo, suprimindo demandas de uma sociedade que seguia embalada por uma ascendente onda de direita, neoconservadora.

Se considerarmos novembro de 2014 como data em que o MBL iniciou propriamente suas atividades, foram menos de dois anos até que o coletivo pudesse comemorar o êxito de sua empreitada inaugural antiesquerda: o *impeachment* da ex-

¹⁴ Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>. Acesso em: 16 jul. 2019.

¹⁵ Disponível em: <http://diplomatique.org.br/o-conservadorismo-moral-como-reinvencao-da-marca-mbl/>. Acesso em: 16 jul. 2019.

¹⁶ Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/07/03/opinion/1562163289_751812.html. Acesso em: 16 jul. 2019.

presidenta Dilma Rousseff. Nesse período – que opto por chamar de primeira fase do MBL – eram essencialmente duas as bandeiras que sustentavam o Movimento: pregar o liberalismo econômico e combater a corrupção. Defendendo tais pautas e fazendo alianças com atores políticos estratégicos, o grupo conseguiu ampliar, gradativamente, o número de apoiadores, e encontrar as condições de possibilidade para ir adiante com o seu projeto de poder – não sem que passasse por transformações.

Se tomarmos a *estratégia* como algo pensado a médio/longo prazo, antes da execução de um plano, as ações táticas, por sua vez, ocorrem no desenrolar daquilo que foi planejado, regidas pelas condições impostas ao longo do percurso. Desse modo, a ampliação e, mesmo, a mudança de pautas do Movimento permitem ser vistas como táticas necessárias à cruzada antiesquerda. Mas que condições podem ter exigido tais mudanças?

Passado o período de esforços concentrados no afastamento definitivo de Dilma Rousseff, o MBL entra no que chamo de segunda fase do Movimento (MEDEIROS, 2020). Enxergo nos últimos dois meses de 2016 os passos iniciais desta nova etapa, em que as pautas são ampliadas e passa a haver uma aproximação do grupo com siglas partidárias. Em entrevista concedida ao *El País*¹⁷ em outubro de 2017, o coletivo negou que tivesse mudado sua agenda de reivindicações e assegurou que se mantinha “coerente na defesa de suas bandeiras, elogiando ou criticando as mesmas posturas ou políticas públicas desde 2014”. Todavia, os fatos nos levam a questionar tal negativa, como veremos ao longo deste texto.

Quando os ânimos em torno do *impeachment* se acalmaram e a exploração de algumas ideias neoliberais não era o suficiente para manter o povo mobilizado, o MBL se viu obrigado a redirecionar sua atenção e, até certo ponto, rever a sua forma de trabalho. No texto publicado pelo *Le Monde Diplomatique*¹⁸ em outubro de 2017, o jornalista responsável já afirmava que o Movimento estava agindo de acordo com a lógica de mercado:

¹⁷ Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/26/politica/1506459691_598049.html. Acesso em: 17 jul. 2019.

¹⁸ Disponível em: <http://diplomatique.org.br/o-conservadorismo-moral-como-reinvencao-da-marca-mbl/>. Acesso em: 16 jul. 2019.

[...] fizeram algo próximo do que no marketing se chama “rebranding” (embora sem mudar a identidade visual, mas as estratégias de sua organização, a sua filosofia operacional). A aposta foi no velho conservadorismo brasileiro em relação aos costumes, à moral e à cultura, algo com muito mais chance de sucesso.

Mantendo sua proposta de fazer política com uma linguagem *descolada*¹⁹, as mudanças táticas se deram, mais especificamente, na ampliação das pautas e na passagem de Movimento apartidário para suprapartidário – o que ainda os manteria, em algum termo, distantes da *velha política*, afetada pela estrutura de partidos. Quanto à adequação de sua agenda de reivindicações, a colunista Eliane Brum enfatizou que O MBL vinha lançando mão dessa tática desde 2017, quando se deu conta do “potencial de usar os temas chamados ‘morais’ para manter o ódio ativo e os seguidores mobilizados. A estratégia funcionou (muito) bem quando uma massa de brasileiros se deixou convencer de que o grande problema do Brasil eram os pedófilos nos museus”²⁰. Em matéria publicada pelo *El País*²¹ também em outubro de 2017, o pesquisador Fábio Malini comentou esse processo de reconfiguração do Movimento:

O MBL segue a tendência das redes e como a internet vive da atualização contínua dos fatos, está forçado a também mudar constantemente. A pauta do impeachment cessou depois de 2016, forçando o movimento a buscar novas agendas. Como o MBL se comporta como partido [...], ele precisa ganhar institucionalidade com as agendas. E as agendas que têm mais popularidade estão no campo do comportamento, mais à direita do próprio MBL, o que acabou forçando um movimento de direita moderada a migrar para um populismo conservador.

A movimentação tática se deu no momento oportuno. No pós-*impeachment*, o MBL estava aliado ao presidente Michel Temer (MDB), que em meados de 2017 já se tornara “um verbete de dicionário para político corrupto”²². Não interessava, portanto, manter centralizada a bandeira anticorrupção. Era preciso explorar outros terrenos, e foi aí que adentraram no campo da *moral* e dos *bons costumes*. Aqui já circulava,

¹⁹ Termo utilizado pelo próprio MBL para se referir ao tipo de linguagem que utilizam em suas comunicações.

²⁰ Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/07/03/opinion/1562163289_751812.html. Acesso em: 17 jul. 2019.

²¹ Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/26/politica/1506459691_598049.html. Acesso em: 23 jul. 2019.

²² Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/07/03/opinion/1562163289_751812.html. Acesso em: 17 jul. 2019.

principalmente nos canais de oposição, a alcunha de *liberais na economia e conservadores nos costumes*. Como afirmou a jornalista Brum, a forma que o MBL encontrou para se esquivar de explicações acerca do fato de silenciarem diante dos atos corruptos praticados por Temer – presidente projetado no cargo com a ajuda do Movimento – foi criar um “falso inimigo”: “[...] e assim, em 2017, com o povo perdendo direitos, o desemprego e a pobreza aumentando e a popularidade de Temer despencando, de um dia para o outro o grande problema nacional virou a pedofilia nos museus”. O MBL passara a travar, com a esquerda política, uma *guerra cultural*²³.

Na literatura específica, não há consenso em torno da gênese do fenômeno. Entretanto, é normalmente atribuída a James Hunter (1991) a responsabilidade por forjar o conceito de *guerra cultural* a partir do que enxergara na sociedade norte-americana, especialmente no final da década de 1980. O termo se refere à ampla inserção de pautas *morais* no debate político – o que, à época, acirrou a oposição entre conservadores e progressistas. Temas como a legalização do aborto e de drogas recreativas, os direitos dos homossexuais e o controle de armas passaram a ser colocados em debate, dividindo ideologicamente não só agendas políticas reivindicativas, mas a sociedade de um modo geral. *Guerra cultural* é, pois, uma tensão política e social que ocorre no âmbito da cultura – da produção artística, da reflexão, dos símbolos e dos valores etc. – mas que não se restringe a ela. Não é uma simples disputa político-partidária, mas um conjunto de batalhas que colocam em jogo o que cada lado combatente enxerga como essência da nação – e que, logo, não deve ser modificado.

Acerca do posicionamento das partes que *guerrilhavam*, em seu livro publicado no início dos anos 1990 – *Culture Wars: the struggle to define America* – Hunter (1991, p. 311) fez afirmações que podem, sem grande perda de sentido, ser transferidas para o contemporâneo:

Uma forte tendência no lado progressista da divisão cultural, então, é defender o pluralismo moral como um bem social e encorajar uma correspondente expansão da tolerância. A tendência do outro lado é rejeitar

²³ O pedido de suspensão do Queermuseum Santander é, também, um dos exemplos mais emblemáticos e explorados pela narrativa da imprensa para explicar aos leitores a *guerra cultural* travada pelo MBL. Mais informações em “Como fabricar monstros para garantir o poder em 2018”: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/30/opinion/1509369732_431246.html. Acesso em: 25 jan. 2018.

o pluralismo moral como um mal social e fazer o que for possível para inibir sua possível expansão²⁴.

Com posições claramente conservadoras – exceto no que tange às ideias econômicas liberais –, o MBL vai de encontro à noção de pluralismo moral, conferindo ao próprio grupo e aos seus apoiadores as escolhas morais certas/boas, e projetando no *Outro* opositor, as moralmente erradas/más. No período que identifico como segunda fase do Movimento (MEDEIROS, 2020), o grupo não deixou para trás os argumentos técnicos em torno de assuntos econômicos, nem a negação da esquerda político-partidária, mas foi além: projetou taticamente para um primeiro plano do debate público, com um viés conservador, pautas *morais* como aborto, drogas, ideologia de gênero, doutrinação política, direitos humanos, cotas raciais, armamento, maioria penal etc., alimentando o que Hunter (1991) chamou de rejeição ao pluralismo moral. Alinhados ao pensamento do sociólogo, Gallego *et al.* (2017, p. 36-37), defendem que, no contemporâneo:

A antiga polarização entre uma direita liberal que defendia a meritocracia baseada na livre iniciativa e uma esquerda que defendia intervenções políticas para promover a justiça social passa a ser não substituída, mas crescentemente subordinada a um novo antagonismo entre, de um lado, um conservadorismo punitivo e, de outro, um progressismo compreensivo.

Para melhor visualizar o meu argumento de mudança ao longo do tempo, optei por uma breve entrada quantitativa. A partir da observação constante das redes sociais do Movimento, bem como da minha participação no III Congresso Nacional organizado pelo coletivo, elenquei eixos temáticos explorados pelo grupo e, a cada um deles, vinculei uma pauta específica, chegando ao seguinte arranjo: Economia - Privatização; Política - Acusação do ex-presidente Lula; Saúde - Criminalização do aborto; Educação - Escola sem Partido; Cultura - Queermuseu; Segurança - Armamento²⁵.

²⁴ No original: “A strong tendency on the progressivist side of the cultural divide, then, is to defend moral pluralism as a social good and to encourage a corresponding expansion of toleration. The tendency on the other side is to reject moral pluralism as a social evil and to do whatever possible to inhibit its possible expansion” (Tradução minha).

²⁵ Uma explicação mais detalhada sobre a minha participação no III Congresso Nacional do MBL e sobre como defini eixos e pautas pode ser acessada em Medeiros (2020).

Entre novembro de 2016 e o mesmo mês de 2017, o MBL fez 3.664 *posts* com imagens estáticas em sua página do Facebook. A escolha de eixos e pautas foi, então, uma estratégia metodológica essencial para garantir a exequibilidade do trabalho. De 3.664, passei a 916 *posts* válidos, o que garantiu, ainda, uma amostragem consistente para corroborar com o argumento aqui defendido.

Como mostram os gráficos abaixo (Gráfico 1 e Gráfico 2), se, no mês inicial (novembro de 2016), a grande maioria das publicações se concentravam no eixo *Política - Acusação do ex-presidente Lula*, no mês final da coleta de dados (novembro de 2017) outras temáticas também ganharam espaço. Foi preciso mudar para seguir protagonista e, nesta perspectiva, o eixo da Política perdeu quase 50% de sua presença, cedendo lugar a uma exploração mais intensa de diferentes eixos e pautas – os quais, vale ressaltar, continuaram servindo ao ataque do inimigo político (a esquerda), contudo, por outras vias.

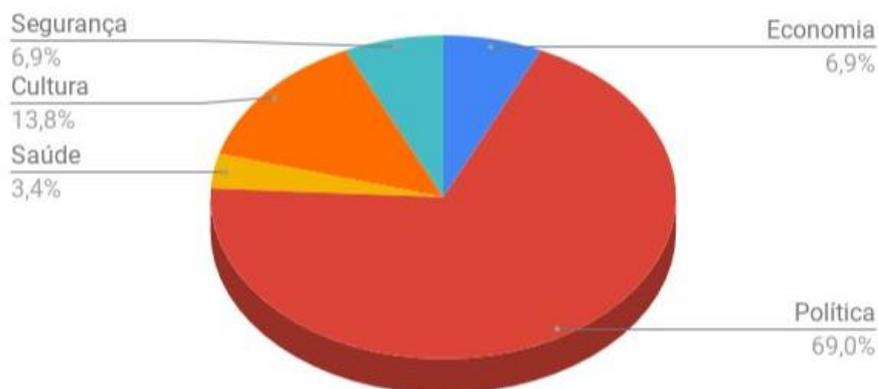


Gráfico 1 - Distribuição de *posts* por área temática no Facebook do MBL – Novembro/2016
Fonte – MEDEIROS, 2020, p. 69

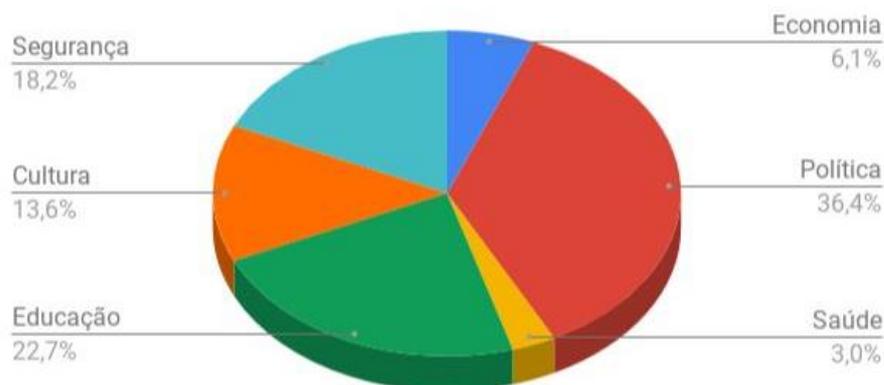


Gráfico 2 - Distribuição de *posts* por área temática no Facebook do MBL – Novembro/2017
Fonte – MEDEIROS, 2020, p. 70

Mais do que comunicar sobre certo afastamento das pautas de base do MBL (Economia e Política), a movimentação indica a ampliação e o direcionamento das temáticas exploradas pelo grupo, com especial destaque para a pauta da Educação, que saiu de 0% para 22,7%. Como veremos mais adiante, é exatamente a partir deste eixo que as ideias de doutrinação política e ideológica são exploradas pelo grupo inseridas em uma lógica de *guerra cultural*.

No vídeo publicado em outubro de 2018 e intitulado *Guerra Cultural - VOCÊ FAZ PARTE DELA*²⁶, Arthur do Val, líder do MBL, falou aos seus seguidores acerca do quanto o *cenário de guerra* exige conhecimento dos participantes para que não sejam vencidos:

A gente tem que entender que a gente está numa guerra cultural. E muito mais do que aprender a votar, fazer uma campanha política, que seja... a gente tem que mudar a cabeça das pessoas, e você só muda a cabeça das pessoas despejando informação [...] para que essa pessoa pare, pense, e que ela tenha munição para se defender desse tipo de revolucionário, desse tipo de pessoa que quer usar os outros como massa de manobra.

²⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zhausEuQYBs>. Acesso em: 20 jul. 2019.

Em matéria veiculada pelo jornal *Nexo*²⁷ em março de 2019, Eduardo Wolf²⁸ e Esther Solano Gallego²⁹ comentaram a popularização do termo no país. Para Wolf, a disseminação da ideia decorre de um intenso trabalho da direita nos espaços virtuais, a qual, amplamente influenciada pela direita norte-americana, “fez circular na última década um conjunto de teorias sobre como se dá a dominação da esquerda na cultura e na sociedade, e como a *guerra cultural* é a grande guerra a ser travada para ‘salvar’ o país”. Ainda de acordo com o entrevistado, mudanças estruturais no pano de fundo da cultura também contribuíram para a popularização do termo. Se durante mais de quatro décadas houve uma consolidação e expansão da hegemonia da esquerda nos circuitos culturais (os meios artísticos, dados setores da imprensa, do mercado editorial e da universidade), as coisas começaram a mudar entre os anos de 2006 e 2008; hoje, conforme Wolf, o cenário é outro:

[...] há editoras, professores, alunos, artistas, cineastas, escritores e intelectuais que nada devem ao universo da esquerda. Pelo contrário, se caracterizam pelo ataque à esquerda e pela defesa do liberalismo, do conservadorismo ou variantes, além de oferecerem uma espécie de “contra-cânone” para os autores de consenso e celebração usual no Brasil. Simplesmente não existia nada disso (em escala significativa) no Brasil desde antes da década de 1960. Pela primeira vez em muitas décadas, portanto, há efetivamente dois lados em um conflito de ideias.

Solano enfatizou que, nessa guerra simbólica, são privilegiados argumentos em defesa da moral, dos bons costumes, de Deus, da família tradicional; o aborto, por exemplo, não seria discutido “em termos de saúde pública, mas em termos de ‘pecado’”. Em detrimento de um *opositor* – com quem se estabelecería um debate –, na *guerra cultural* o que se tem é a existência de “um inimigo a ser aniquilado em uma guerra política, dialética e altamente simbólica; princípios morais se tornam um instrumento bélico”. Para o MBL, o inimigo é a esquerda, e, como dito, não se trata de um caso isolado, uma vez que, em diferentes países, grupos de extrema direita estão

²⁷ Disponível em:

<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2019/03/10/O-que-%C3%A9-%E2%80%98guerra-cultural%E2%80%99-E-por-que-a-express%C3%A3o-est%C3%A1-em-alta>. Acesso em: 20 jul. 2019.

²⁸ Apresentado na matéria como: doutor em Filosofia pela USP, editor do “Estado da Arte” e autor de *Guerra cultural: ideólogos, conspiradores e novos cruzados*, com publicação prevista para 2019.

²⁹ Apresentada na matéria como: doutora em Ciências Sociais pela Universidad Complutense de Madrid, professora de Relações Internacionais na Unifesp e organizadora de *O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil*.

alinhados a uma mesma retórica, que usa a dinâmica de *guerra cultural* como estratégia política.

3. O inimigo a ser combatido doutrina o seu filho

Para sustentar o argumento de que, em meio a uma *guerra cultural*, o MBL se utiliza dos espaços interativos da internet para manejar crenças e mobilizar emoções com foco no engajamento político, é necessário que consideremos *emoções* não como “forças cegas”, impulsivas, que concernem somente a sensações do corpo, mas, sim, como algo que mantém íntima relação com nossos pensamentos e avaliações e, logo, pouco se assemelha a apetites corporais e estados de ânimo sem razão (NUSSBAUM, 2004). De acordo com a autora, os pensamentos envolvidos nas emoções não são “simplesmente concomitantes ou requisitos prévios causais. Se são necessários para identificar ou definir uma emoção, e para distinguir uma emoção de outra, isto significa que formam parte do que é a emoção em si mesma, são constitutivos de sua identidade”³⁰ (2004, p. 28).

Num esforço para clarear tal distinção conceitual, a filósofa estadunidense aponta que as emoções possuem objetos, estando, pois, ancoradas em algo; tais objetos, por sua vez, são *intencionais*, alvos *vagos* a que direcionamos os nossos pensamentos/intenções. Assim sendo, não são eles que definem a emoção a ser experienciada por determinada pessoa, mas a maneira como esse indivíduo enxerga e interpreta esses objetos é que vai dizer em que dimensões a emoção o afetará. Um terceiro aspecto reforça essa distinção: as emoções envolvem crenças em relação a seus objetos, e tais crenças podem ser manipuladas com o intuito de mobilizá-las.

Martha Nussbaum (2004) retoma uma passagem de Aristóteles em que o filósofo grego, ao tratar da retórica, dava conselhos a jovens oradores acerca de como mobilizar paixões em seus públicos. Para despertar o medo seria necessário, portanto, fazer com que os presentes sentissem que algo de ruim pudesse ocorrer a eles ou a pessoas próximas; a ira seria sentida quando o público acreditasse sofrer

³⁰ No original: “We cannot, then, regard the thoughts involved in emotion as simply concomitants or causal pre requisites. If they are needed to identify or define an emotion, and to distinguish one emotion from another, this means that they are part of what the emotion itself is, constitutive of its very identity” (Tradução minha).

por algo injustamente; já o pesar estaria relacionado à percepção do sofrimento significativo de outra pessoa.

A versão de Aristóteles é convincente: as crenças são bases essenciais para a emoção. Cada tipo de emoção está associada com uma família específica de crenças de maneira que, se uma pessoa não crê ou deixa de crer na família relevante, não terá ou deixará de ter a emoção. Por isso, a retórica política é emocionalmente poderosa. É óbvio que os políticos não têm como influenciar diretamente no estado corporal e nas sensações de seu auditório. O que podem influenciar é nas crenças das pessoas a respeito de uma situação (NUSSBAUM, 2004, p. 26-27).³¹

Na *guerra cultural* travada pelo MBL, o manejo de crenças é regido, especialmente, por ideias neoconservadoras que tanto viabilizam a continuidade do protagonismo do Movimento – como discutido no tópico anterior –, quanto, em uma segunda instância, aproximam potenciais apoiadores, ampliando a força de atuação do grupo e oferecendo condições de possibilidade para a eliminação do adversário político. Se voltarmos a nossa atenção para a forma como determinados temas são abordados pelo MBL, o argumento se torna ainda mais palpável. É este o caso do Programa Escola sem Partido³², o qual sustenta, em muito, a macro narrativa de que *a esquerda é doutrinadora* (MEDEIROS, 2020), como veremos mais adiante.

A despeito de não ser este o foco do trabalho, é válido retomar, mesmo que brevemente, algumas informações essenciais à ideia de neoconservadorismo. Entre os estudiosos do tema (BARROCO, 2015; MOLL, 2010; APPLE, 2000), há um certo consenso quanto ao fato de o movimento neoconservador ter surgido nos Estados Unidos entre os anos de 1960 e 1970, estruturando o que a literatura norte americana e europeia optou por chamar de *Nova Direita*. À esse grupo político coube a responsabilidade por enfrentar o Estado de Bem-Estar que vigorava nos países capitalistas centrais – o qual, para os seus opositores, privilegiava somente grupos minoritários e, logo, deveria ser derrubado.

³¹ No original: “Aristotle’s account is convincing: beliefs are essential bases for emotion. Each type of emotion is associated with a specific family of beliefs such that, if a person doesn’t have, or ceases to have, the beliefs in the relevant family, she will not have, or will cease to have, the emotion. That is why political rhetoric is emotionally powerful. Obviously enough, politicians have no way of directly influencing the bodily states and the feelings of their audience. What they can influence the beliefs people have about a situation” (Tradução minha).

³² O tema, como já mostrado, foi a minha escolha para tratar do eixo *Educação* na breve análise quantitativa apresentada no tópico anterior.

De acordo com Moll (2010, p. 76), os neoconservadores acreditavam em uma espécie de “degradação social” resultante de uma sequência de eventos críticos atrelados aos movimentos pelos direitos civis e sociais; buscavam, por essa razão, restaurar a sociedade no que enxergavam ser a sua essência, recuperando os “verdadeiros valores” da nação norte-americana.

Assim, valores como a liberdade, a autonomia, o progresso, a moral, o individualismo e as oportunidades ilimitadas foram tomados como características naturais, em contraposição ao humanismo, ao multiculturalismo, ao coletivismo, ao ambientalismo, ao liberalismo, em suma, às transformações e às questões sociais da década de 1960.

Lima e Hypolito (2019) recorrem aos estudos de Barroco (2015) para explicar que essa versão revisada do conservadorismo surgiu oportunamente inspirada pelo liberalismo clássico em meio a uma crise mundial do capitalismo. Na ocasião, teria ocorrido uma atualização do conservadorismo sem que se perdesse de vista o seu ideário; formava-se uma aliança entre os neoconservadores (que ganhavam contornos mais bem definidos) e os neoliberais. Não tardou para que essa corrente passasse a combater o “Estado Social e os direitos sociais, almejando uma sociedade sem restrições ao mercado e reservando ao Estado a função coercitiva de reprimir violentamente todas as formas de contestação à ordem social e aos costumes tradicionais” (BARROCO, 2015, *apud* LIMA e HYPOLITO, 2019, p. 05).

O Brasil não ficou à margem da recente e crescente onda neoconservadora que tem servido de combustível à atuação de determinados atores políticos coletivos, atacando, principalmente, o intervencionismo do Estado na economia e em questões familiares – as quais, por sua vez, adentram no campo da moral. De um modo um tanto simplista, ao enxergar o MBL como movimento neoconservador que compõe uma *Nova Direita* no Brasil, a alcunha a ele conferida de *liberal na economia e conservador nos costumes* pode ser sintetizada, como sugerido, em um único termo/rótulo. Com a imersão estratégica na lógica das *guerras culturais*, as pautas defendidas pelo grupo passaram a corroborar fortemente com a classificação a ele atribuída.

Gallego *et al.* (2017, p. 38) defendem que, mesmo a relação entre discurso moral e política não sendo, precisamente, algo novo, “antes, porém, o discurso moral era

instrumentalizado pelo político, e agora parece que ocorre o contrário”. Para Miguel (2016, p. 592), houve uma gradativa amplificação de vozes conservadoras no debate público desde 2010, e nos dias atuais

[...] é perceptível uma significativa presença de discursos em que a desigualdade é exaltada como corolário da “meritocracia” e em que tentativas de desfazer hierarquias tradicionais são enquadradas como crime de lesa-natureza. Nestes discursos, também ganha uma nova legitimidade a velha ideia dos direitos humanos como uma fórmula que concede proteção indevida a pessoas com comportamento antissocial.

No campo da Educação, o MBL deixa transparecer a sua face neoconservadora quando, por exemplo, acusa a esquerda – o seu maior opositor – de doutrinação ideológica e defende, a todo custo, o Programa Escola sem Partido. Nesta empreitada, algumas manobras retóricas essenciais ao manejo de crenças são acessadas, constantemente, pelo grupo. O Programa em questão³³ foi idealizado em 2004 pelo advogado Miguel Nagib a partir da desconfiança de que sua filha adolescente estava sendo doutrinada por um professor de história. Trata-se de um movimento político que, à época, contava com duas frentes de atuação: o anteprojeto de lei chamado *Programa Escola sem Partido*, e a associação da qual faziam parte indivíduos preocupados com, segundo palavras do próprio Nagib, “o grau de contaminação político-ideológica das escolas brasileiras” agravado por um “exército de militantes travestidos de professores”³⁴.

Em um estágio mais avançado, a ideia do advogado deu origem ao *Projeto de Lei 7180/2014*, o qual inclui entre os princípios do ensino “o respeito às convicções do aluno, de seus pais ou responsáveis, dando precedência aos valores de ordem familiar sobre a educação escolar nos aspectos relacionados à educação moral, sexual e religiosa”³⁵. Assim sendo, a mensagem central da narrativa do MBL aqui abordada consiste em: doutrinando, a esquerda rouba de você o direito de ensinar valores essenciais, e age para desvirtuar o *seu filho*, contaminando-os enquanto vítimas, até então, puras.

³³ Disponível em: <http://escolasempartido.org/>. Acesso em: 12 jan. 2020.

³⁴ Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/estadao-verifica/entenda-o-que-propoe-o-programa-escola-sem-partido/>. Acesso em: 12 jan. 2020.

³⁵ Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=606722>. Acesso em: 12 jan. 2020.

Neste contexto, a maioria das publicações feitas na *fanpage* do Movimento afirmam a responsabilidade dos professores na doutrinação dos alunos; se assim agem, é porque tais profissionais são esquerdistas. Busca-se uma negação em bloco. A postagem abaixo (Figura 1) utiliza fotografias de crianças no ambiente expondo cartazes e rostos pintados em um protesto contra a aprovação da PEC 241³⁶. Na legenda, há uma exploração estratégica da ordem do texto: os professores são sujeitos ativos da oração, enquanto os alunos, figuras passivas que estão sendo instrumentalizadas: “A forma como esses professores tem (sic) utilizado essas crianças é algo criminoso”. Nota-se um esforço para se passar a ideia de uma grande ameaça moral contra vítimas indefesas.



Figura 1 - *Banner* publicado em 7 de novembro/2016 tratando ironicamente o tema da doutrinação nas escolas

Fonte - *Fanpage* do MBL

³⁶ A PEC 241 propõe o congelamento de gastos públicos de modo que eles sejam ajustados não mais de acordo com a arrecadação, mas conforme a inflação do ano anterior. A medida, que vale por dez anos e pode ser prorrogada por mais dez, afetaria diretamente áreas fundamentais como saúde, educação e políticas sociais.

Na Figura 1, o “eles” a que o texto se refere é a esquerda política de um modo geral, a quem é atribuído o interesse pela doutrinação. Ao MBL cabe o esforço por fazer crer a audiência de que essa é uma via moralmente reprovável a ser cruzada para se alcançar aquilo que se deseja, e o *seu filho* deve estar sendo vítima desse comportamento sem escrúpulos, ainda que *you* não tenha percebido. Com frequência, o MBL tenta convencer a audiência de que a esquerda vai enganar o povo brasileiro em qualquer que seja a ocasião, recorrendo, para tanto, à criação de *verdades* oportunas, as quais, de acordo com a narrativa, são totalmente contestáveis e insustentáveis. Nessa linha tática, a todo tempo o grupo alerta acerca do perigo iminente de *you, cidadão de bem*, ser usurpado do direito de educar o seu próprio filho, destacando as possíveis consequências dessa falta de controle: em um futuro próximo, aquele que *you* gerou e cuidou pode enxergá-lo como inimigo. Os alertas também aparecem em forma de convite para participar de atos realizados pelo Movimento, como mostra o exemplo abaixo.



Figura 2 - *Banner* publicado em 15 de agosto/2017 para convocar o público a participar de ato em defesa do projeto Escola sem Partido
Fonte - *Fanpage* do MBL



Pensando a plataforma discursiva do movimento, é pertinente afirmar que com a expressão utilizada na imagem acima (Figura 2), o MBL age ao menos em duas frentes. A primeira delas é convencer a audiência de que, doutrinando livremente nos ambientes escolares, a esquerda conseguirá impor suas próprias regras, desrespeitando a vontade dos pais – o que inclui, mas não se resume a posicionamento político ideológico. A segunda frente se apresenta como uma solução parcial ao problema possível da primeira, que pode não se concretizar caso você, observador que se sente ameaçado, apoie a causa se juntando a *nós* – nas redes e nas ruas. Desse modo, para além de servir à negação direta da esquerda, trata-se, também, de uma tática que, transferindo responsabilidade, busca alcançar apoio à aprovação do projeto de lei *Escola sem Partido*.

O grupo recorre, ainda, a declarações dadas por atores estratégicos com o objetivo de garantir densidade ao seu argumento (Figura 3). No entanto, a determinação de quem pode ou não assumir esse papel se afasta da essência daquilo que se entende por *discurso de autoridade*. Os critérios que investem certos sujeitos de suposta expertise são outros, uma vez que essa atribuição de autoridade dispensa determinados sistemas de validação externa – como é o caso de formação técnica específica – e é autorreferenciada nos veículos de direita e nos enunciados do próprio Movimento.



Figura 3 - *Banner* publicado em 17 de abril/2017 com declaração de Fernando Holiday acerca dos papéis da escola e da família na educação de uma criança
Fonte - *Fanpage* do MBL

Com as falas expostas no *banner* acima (Figura 3), o MBL pretende oferecer algo a mais para que a audiência seja convencida de que esquerda é doutrinadora (vilã) e você é a vítima (real ou em potencial). Na imagem, o líder do MBL e deputado pelo estado de São Paulo, Fernando Holiday (DEM), imerso na lógica de *guerra cultural*, desloca, sem deixar vestígios, o tema da educação para o campo da moralidade, do certo e do errado, do bem e do mal. Em sua declaração destacada no *box*, Holiday fala aquilo que querem ouvir os defensores da “tradicional família brasileira”, recorrendo, para tanto, a uma tática que imita as regras do mercado de oferta e demanda. Na legenda da postagem, o MBL explica que o deputado se disponibilizou a “acompanhar de perto” o cotidiano de escolas da rede pública municipal de São Paulo e, por essa razão, sofreu diversos ataques. Na visita às escolas, ele havia se deparado com “docentes e demais adeptos dessa técnica suja que é a doutrinação ideológica que visa tirar das crianças e jovens o direito de aprender um conteúdo programático de qualidade para serem transformados em militância política”.

Em um curto fragmento de texto o Movimento consegue aludir ao idioma do asco (“técnica suja”), reafirmando a face impura da esquerda; reforçar o caráter pejorativo de uma expressão amplamente explorada na narrativa que aqui analiso (“doutrinação ideológica”); e sugerir que o direito de aprender está sendo roubado das crianças e jovens, os quais, como massa de manobra, são ainda “transformados em militância política”. Diferentemente de outras pautas defendidas pelo grupo, nesta, o que está em jogo é a formação intelectual e moral de crianças – ameaçada pelo dito “aparelhamento das escolas e universidades pela esquerda populista”. Nesse sentido, se os esquerdistas agem doutrinando seres que não possuem capacidade de mínima defesa, não basta a esse grupo vingança imaginada ou dor passageira, mas, sim, *apagamento* político.

Na narrativa construída pelo MBL, a ideia da doutrinação ideológica se estende às universidades (Figura 4) e ganha, ainda, faces complementares igualmente polêmicas, como a noção de ideologia de gênero. Devido ao espaço restrito, me limitarei a exemplificar o que acontece quando as instituições públicas de ensino superior se tornam o alvo dos ataques neoconservadores: De acordo com o Movimento, ao adentrar nessas instituições, o sujeito passa a ser mais um artefato de uma linha de produção voltada para a montagem de militantes, como sugere a imagem abaixo (Figura 4) postada na *fanpage* do MBL em 30 de agosto de 2017, e de autoria não identificada. A esteira da fábrica, mais que *montar* jovens desvirtuados, atuaria também como destruidora de sonhos – seus e dos seus filhos –, tudo isso patrocinado por atores políticos que fazem a esquerda no Brasil: PT, PSOL e UNE. Assim sendo, o Movimento tenta incitar o ódio provando-o como reação justa diante dos danos reais e imaginados causados de maneira deliberada por esse grupo político; seria, pois, um “mero sentimento de justiça” (CHAVAUD e GAUSSOT, 2008 *apud* ANJOS, 2019, p. 45).



Figura 4 - Imagem publicada em 30 de agosto/2017 identificando a universidade pública brasileira como máquina de desvirtuar quem nela ingressa

Fonte - Fanpage do MBL

4. Considerações

A despeito de o foco deste trabalho residir no que defino como segunda fase do MBL, em se tratando de um objeto do tempo presente, ativo e, logo, dinâmico, é relevante observar os passos seguintes. Com a aproximação do pleito eleitoral de 2018, o Movimento – já seguro no que tange à abordagem das pautas morais – utilizou-se da lógica das *guerras culturais* para seguir negando a esquerda e eleger atores políticos estratégicos ao seu projeto de poder. Na reta final das eleições, o coletivo se aproximou do atual presidente Jair Messias Bolsonaro (PSL) e trabalhou para elegê-lo. Passados seis meses do início da gestão, O MBL, não mais alinhado politicamente ao chefe de Estado, alimentou na imprensa – involuntariamente, acredito eu – a narrativa de que a disputa teria ganhado novos contornos, sendo “da direita com a direita, pelas almas, pelos cliques e pelos votos”³⁷. Hoje, faz oposição

³⁷ Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/07/03/opinion/1562163289_751812.html. Acesso em: 23 jul. 2019.

ao presidente eleito e, uma vez mais, se esforça com a construção retórica de mais um inimigo político a ser combatido.

Uma reportagem publicada no *Le Monde Diplomatique*³⁸ em outubro de 2017 afirmava que, àquela época, os líderes do MBL “[...] riscaram um fósforo e acenderam um pavio em sua cruzada moralista”. De certo modo, o conteúdo ratifica, ainda, o argumento que reside na ideia de “mudar para permanecer” posta no título deste tópico: “se a marca MBL estava severamente comprometida, seus desvios estratégicos conseguiram manter a sua posição de grande influenciador no campo da direita”. Atualmente, enxergo que o Movimento tem repensado sua estratégia levando adiante as táticas bem-sucedidas, tais como as alianças políticas, a ampliação das pautas, e a própria lógica de *guerra cultural* regida por ideias neoconservadoras. Quanto à essência *descolada* da linguagem, os líderes do grupo têm declarado que ela precisa ser repensada. Em entrevista concedida ao *El País*³⁹ em julho de 2019, Fernando Holiday afirmou:

Acredito que a gente ajudou simplificar o debate político de uma forma perigosa, resumindo tudo a memes e aumentando a tensão política. Nesse sentido, acho que o MBL precisa e já está fazendo essa autocrítica de tentar qualificar o debate político como um todo, algo menos simplificado e não tão polarizado como a gente fez no passado.

A dita autocrítica quanto à linguagem não afasta, todavia, o MBL de suas ideias neoconservadoras, nem de suas práticas regidas pela noção de *guerra cultural*. Se é este o preço a ser pago pelo apagamento político de seus opositores e pela sua permanência em um papel protagonista, os fatos registrados até o momento sugerem que a *guerra* será mantida, e a sociedade seguirá tendo que arcar com as duras consequências de um projeto de poder (em execução), até aqui, bem-sucedido. O campo da moral continua sendo o mais oportuno; e, neste cenário, o MBL está preparado para convencer, mediante certas manobras retóricas, muitos brasileiros acerca da doutrinação supostamente empreendida pela esquerda, mobilizando neles emoções específicas que facilitam o engajamento político.

³⁸ Disponível em: <http://diplomatique.org.br/o-conservadorismo-moral-como-reinvencao-da-marca-mbl/>. Acesso em: 16 jul. 2019.

³⁹ Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/06/27/politica/1561649621_458153.html. Acesso em: 23 jul. 2019.



Referências

- APPLE, Michael W. **Política cultural e educação**. São Paulo: Cortez, 2000.
- ANJOS, Júlia C. Versiani dos. **Megeras (in)domadas**: discurso de ódio antifeminista nas redes sociais. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura). Universidade Federal do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro. 190f., 2019.
- BARROCO, Maria Lúcia S. Não passarão! Ofensiva neoconservadora e serviço social. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, n. 124, p. 623-636, out./dez. 2015.
- GALLEGO, Esther Solano (Org.). **O ódio como política**: a reinvenção das direitas no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018.
- GALLEGO, Esther Solano et al. Guerras culturais e populismo antipetista nas manifestações por apoio à operação Lava Jato e contra a reforma de previdência. **Em Debate**. Belo Horizonte, ano 9, n. 2, ago, p. 35-4, 2017.
- HUNTER, James D. **Culture wars**: the struggle to define America. Nova Iorque: Basic Books, 1991.
- LIMA, Iana Gomes de; HYPOLITO, Álvaro Moreira. A expansão do neoconservadorismo na educação brasileira. **Educ. Pesqui.** São Paulo, v. 45, p. 01-15, 2019.
- MEDEIROS, Amanda. **“DEVEMOS IMPLODIR O QUE RESTA DE SEUS CASTELOS”**: O Movimento Brasil Livre (MBL) e a mobilização política de emoções. Tese de Doutorado (Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura). Universidade Federal do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro. 239f., 2020.
- MATEUS, Samuel. **Introdução à retórica no séc. XXI**. Covilhã: Editora Labcom.IFP, 2018.
- MELUCCI, Alberto. **A invenção do presente**: movimentos sociais nas sociedades complexas. Petrópolis: Vozes, 2001.
- MIGUEL, Luis Felipe. Da “doutrinação marxista” à “ideologia de gênero”: Escola sem Partido e as leis da mordaza no parlamento brasileiro. **Direito & Práxis**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 15, p. 590-621, 2016.
- MOLL, Roberto. **Reaganetion**: a nação e o nacionalismo (neo)conservador nos Estados Unidos (1981-1988). Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em História), Universidade Federal Fluminense: Niterói, 265f, 2010.
- NUSSBAUM, Martha. **Hiding from humanity**: disgust, shame, and the law. Nova Jersey: Princeton University Press, 2004.